

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

DO
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBecc
(Comissão Nacional da UNESCO)
Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

AS CAVALHADAS DE ALEGRETE

(Realizadas na cidade de Alegrete, durante as festas centenárias, em janeiro de 1957).

Comunicação feita à CNFL por Walter Spalding, da Comissão Gaúcha de Folclore.

As cavalhadas são festividades antiquíssimas, criadas na idade média, ao que parece, no auge das lutas entre sarracenos e cristãos. Eram praticadas na maioria dos países católicos em desagravo, e para estimular o ardor das lutas contra os infiéis.

Tem tais cavalhadas origem histórica e vamos encontrá-las nas próprias origens de Portugal, e logo após a invasão muçulmana na península ibérica, mas antes da campanha de D. Afonso Henriques para a criação da nacionalidade e do reino português.

É a seguinte a possível certidão de nascimento, histórica, das cavalhadas:

Depois do reinado dos romanos na península, teve início o império visigótico. Entre os anos de 680 e 711, após terem dominado quase duzentos anos, morria, sem ter deixado filhos legítimos, o último rei dos visigodos, - "Resceswinthe" (Recesvinte), - pondo fim ao reinado. Em vista disso, e tentando manter ainda o império, apoderou-se do poder, por meio de eleição, o "rei" Wamba que continuou imperando desde Toledo, a capital do reino decadente e quase extinto dos visigodos.

Recesvinte, entretanto, entre os filhos naturais deixara dois homens: Favila que foi Duque de Cantábria e Teodofredo. Ambos haviam casado e tinham descendentes, também masculinos. Favila deixara Pelágio e Hermengarda, e Teodofredo apenas Roderico (Roderigo em português e espanhol).

Wamba, já quase no fim da vida, foi destronado pelo aventureiro Ervígio que, por sua vez, foi derrubado por outro aventureiro: Witiza.

Foi nesse momento que entraram em cena os netos de Recesvinte. Roderico foi o primeiro a manifestar-se, levando consigo duas finalidades: vingar as perseguições feitas por Wamba, Ervígio e, sobretudo, Witiza que perseguira tenazmente seus primos Pelágio e Hermengarda que, por isso viviam foragidos. Wamba e Ervígio haviam um assassinado Favila e outro mandado cegar Teodofredo. Depois de lutas intensas Roderico conseguiu vencer o tirano aventureiro e assentar-se no trono, como verdadeiro rei. Nesse meio tempo surgem os muçulmanos tentando invadir a península. Travam-se lutas violentíssimas. E enquanto Pelágio, heróicamente, os batia na zona portuguesa, conservando-os afastados, Roderico comete o execrando crime de seduzir Flórida (ou Flóripa), filha de Juliano, Conde de Septum (Ceuta), seu companheiro e que a seu lado combatia os infiéis na África.

Juliano logo que teve conhecimento do fato, resolveu vingar-se e, para levar à cabo seu intento, aliou-se aos mouros e, com

êles, sob a chefia de Tarik, invadiram o continente europeu pelo sul de Portugal.

Esta, em breves palavras, a história a que a lenda aliou Hermengarda e Florinda, também denominada Floripa, talvez para maior efeito do romance ou rimance que o cançãoeiro português conserva, em parte ao menos, e com variadas versões.

Dessa andança dos mouros por terras de Portugal, conservou a tradição alguns rimances, como aquêles da "Rainha Cativa" que figura no "Romanceiro", de Almeida Garrett que o considera do século XII, portanto do tempo de D. Afonso Henriques que, com sua espada enorme e pesadíssima, lutou contra mouros e castelhanos fundando a nacionalidade portuguesa, em 1140. Certamente por essa época foi que nasceram as cavalhadas em Portugal, senão como simples jogos florais, como autênticos floreios de guerra.

Em outro rimance também citado por Garrett, - "Dom Gaifeiros" -, igualmente se fala em princesa cativa que é a própria esposa do herói, - "Melisendra". A reconquista dela por Dom Gaifeiros é bem da época dos cavaleiros andantes, daqueles destemidos lutadores que iam para a guerra "por seu Deus e sua Dama".

"Aperta a cilha ao cavalo,
afrouxa-lhe o peitoral,
saltou-lhe em cima de um pulo
sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,
que o corpo ergueu por lha dar;
assenta a esposa à garupa
para que o possa abraçar,
finca esporas no cavalo,
que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vai, acolá voa...
Ninguém no pode alcançar.
Os mouros pela cidade
a correr e a gritar;
quantas portas ela tinha
todas as foram cerrar".

Mas Dom Gaifeiros consegue sair, fazendo seu cavalo saltar a muralha. Entrementes chega o rei mouro Almançor com sua gente e a perseguição se faz, violenta. Dom Gaifeiros vendo que não poderia prosseguir na fuga, apeia, esconde a esposa no mato e enfrenta a hoste sarracena, a cavalo, e,

"... sem mais rédea,
aos mouros se foi voltar:
cançado ia de fugir
que já mal podia andar,
cheirou-lhe o sangue maldito,
tudo é fogo de abraçar".

O rei Almançor pede socorro, mas recua por fim e foge, enquanto bela Melisendra e Dom Gaifeiros

"cavalgam, vão caminhando,
não cessam de caminhar,
por essa moirama fora
sem mais temor nem pezar,
falando de seus amores
sem de mais nada pensar".

E assim tornam à Pátria onde são recebidos festivamente e Dom Gaifeiros celebrado por libertar

Grande do Sul, inclusive na indumentária e organização do campo da luta, que ostentou magnífico castelo mouro e linda capela cristã.

Faltou, porém, apesar de tudo, uma parte bem importante: as tentativas de acordo entre mouros e cristãos através de embaixadas. Sabia-se que tais entendimentos tentados antes do início da luta, eram feitos em verso. Ninguém, entretanto, se recordava dos versos. Não havia deles vestígios.

Por feliz acaso descobrimos, depois da realização das cavalhadas, um documento que nos havia sido ofertado há mais de vinte anos e cujo conteúdo é a auto-biografia de um oficial legalista do tempo do império que, no mesmo, escrevera também a biografia paterna. O documento data de 1878. In fine com letra diversa figura um soneto de Boccage de um lado do papel, e do outro, ainda com letra diferente três estrofes intituladas, as duas primeiras "Embaixador do Imperador dos Cristãos" e a terceira "Do Embaixador". Tratam, justamente, do desafio: a ordem do imperador dos cristãos a seu Embaixador, e a intimação deste, em nome do imperador cristão, ao imperador mouro.

Trata-se, portanto, de um dos mais antigos documentos escritos a respeito das cavalhadas e de um documento que nos traz a certeza de que, antes do início da luta, havia tentativas de harmonia que não foram aceitas pelos sarracenos.

Antes de entrarmos na descrição das cavalhadas de Alegrete, transcreveremos os versos para que fiquem registados para mais amplas pesquisas e futuros estudos de tão interessante quanto movimentada festa campestre:

Embaixador do Imperador dos Cristãos

I

Vai ó bravo e valoroso embaixador,
intimai a êsse imperador tirano,
que venha a mim humildemente
se não quiser ver darramar-se sangue humano;
dizei-lhe mais: - que se não quiser se render,
seus soldados serão derribados por terra
pois tenho para isso bons lanceiros,
que se acham prontos nesta praça para a guerra.

II

Vai ó turco escravizado
dizer ao teu déspota soberano
que não me cansam as fadigas da batalha,
juro pelo Sol, pelos Céus, pela Lua,
que em defesa da heróica cristandade
entrarei triunfante em teu castelo,
e com altivez e ombridade
fazendo-lhe guerra de extermínio
lhe causarão terrível mortandade.

Do Embaixador

O meu nobre e valoroso soberano
por mim, como seu embaixador, vos intima
que renda-se humildemente
se não quiser ver derramar-se sangue humano.
E se por não quiserdes render-se
seus soldados serão derribados por terra
pois tenho para isso bons lanceiros,
que se acham prontos nesta praça para a guerra.

Os versos aí estão copiados fielmente. Nota-se, por eles (2a. estrofe) que também aparece em cena um mouro escravizado que, certamente devia acompanhar o embaixador cristão e confirmar a intimação do imperador cristão. Falta, pelo menos é a impressão que temos, a resposta do rei mouro, sendo, ainda, curioso o fato de nos versos não haver a mínima referência à princesa prisioneira. É possível que faltem muitas estrofes e que em alguma delas, das perdidas até o presente, haja qualquer nota a respeito.

Para que se tenha idéia de que foram as cavalhadas de Alegrete, a nosso ver as mais completas das ultimamente executadas, daremos, a seguir, a descrição do que nos foi dado observar, utilizando, ainda, informações de seus organizadores e ensaiadores, srs. dr. Delci Dornelles, então patrão (presidente) do Centro Farroupilha de Tradições Gaúchas e capitão Sejanos Dornelles que as comandou.

Antes, porém, uma nota a propósito dos nomes da princesa: Nas cavalhadas de Alegrete adotaram o nome de Hermengarda em lugar de Floripa, como aparece em alguns estudos, sobretudo no Paraná e São Paulo, e também em vez de "princesa" tratam-na por "rainha".

O esquadrão dos mouros, assim como o dos cristãos, é composto de um mantenedor-comandante, sempre à testa dos movimentos e responsável pela largada das corridas; um capitão divisor de esquadrão, nº 8 pela ordem de colocação, que é responsável pelo seu grupo em determinados movimentos; um porta-estandarte, nº 7, que acompanha sempre seu capitão; dez cavaleiros, sendo que cinco ficam dispostos entre o mantenedor e o porta-estandarte, e cinco depois do capitão divisor do esquadrão. Assim, cada esquadrão, tanto o dos mouros como o dos cristãos, constitui-se de treze cavaleiros.

A rainha Hermengarda, igualmente a cavalo, entra com os mouros dos quais é prisioneira, e acompanha a maioria das evoluções sempre ao lado do imperador mouro que é o mantenedor-comandante deles.

O campo tem a forma de círculo dentro do qual foram feitas as marcações necessárias. O campo das cavalhadas de Alegrete, cremos ter tido, pelo menos duas quadras de eixo. O traçado dos diâmetros reparte o campo em duas metades iguais ficando o lado em que está a capela o dos cristãos. A outra, a do castelo, naturalmente dos mouros. O castelo, muito bem apresentado, tem aspecto de antiga fortaleza medieval, com seteiras, casamatas e ampla portão por onde podem passar dois cavaleiros montados ao mesmo tempo. Tanto o castelo como a capela ficam dez metros afastados da raia do círculo. A capela possui, na frente, um degrau alto no qual o mantenedor (imperador) dos cristãos batisaria o mantenedor (imperador mouro) no ato final da luta, que é a primeira parte da cavalhada.

As corridas dividem-se em duas partes: na primeira, depois da negativa do imperador mouro em entregar a rainha Hermengarda aos cristãos, trava-se a luta que transcorre através de graciosas evoluções, em que os cavaleiros exibem suas qualidades equestres em três grandes lutas: à espada, à lança e à pistola, e mais treze combates individuais, também à espada, à lança e à pistola. Termina a primeira parte com a invasão do castelo mouro, aprisionamento do imperador e seu batismo. A segunda parte compõe-se de jogos e competições individuais, em que os cavaleiros demonstram suas habilidades de ginetes e perfeitos conhecedores das armas usadas. Consistem tais jogos e competições em retiradas de caveiras com golpes de lança e espada e derrubadas das mesmas com tiros de pistolas antigas. As caveiras são dispostas em volta do círculo em número de quatro ou seis, ficando mais uma ao centro, no chão, enquanto as outras estão sobre postes.

Termina a competição o gracioso jogo das argolinhas, muito popular em todo o Rio Grande do Sul, separado por completo das cavalhadas. É jogo de galanteria, pois o cavaleiro que tira a argolinha oferece-a à dama de sua predileção recebendo, na ocasião, em troca,

uma lembrança da dama: um lençinho, uma flor, ou outra prenda qualquer.

As cavalhadas de Alegrete foram, sem dúvida alguma, notável revivescência de antiga e já quase esquecida festa popular, e algo de extraordinário nas festas do centenário da cidade. Durante três horas consecutivas, com intervalo de quinze minutos entre uma e outra partes, a multidão que as assistiu pôde aplaudir a agilidade dos cavaleiros, inclusive da rainha Hermengarda que se portou admiravelmente, nada ficando a dever a qualquer dos cavaleiros.

Ouvimos, na ocasião, alguém dizer que as cavalhadas eram demasiadamente longas e, repetidos por demais os números, na segunda parte, tornavam-se cansativas para o espectador. Ao lado, um cidadão bastante idoso, velho gaúcho, não contestou a afirmativa, mas explicou que antigamente ninguém se queixava, pois que havia jogo, como nas carreiras de cancha reta. Cada assistente jogava num dos componentes mouros ou cristãos, na segunda parte, ora no conjunto de pontos que fazia (deve-se notar que cada derrubada ou levantamento de caveira vale determinado número de pontos), ora numa ou noutra das caveiras que deviam ser derrubadas ou espetadas na lança ou espada.

Realmente, nós já ouvíramos tal afirmativa antes, mas não lhe havíamos dado maior importância antes, julgando-a, mesmo, sem fundamento. Entretanto, parece-nos, pela afirmativa daquele cidadão que se mostrou conhecedor das cavalhadas, que realmente as antigas cavalhadas eram aproveitadas, - ou quem sabe se até realizadas?... - para jogo a dinheiro, tal como fazem nas carreiras de cancha reta. E quem sabe, mesmo, se não foram dessas cavalhadas - corridas sempre em círculo, - que nasceu o moderno prado?

O que importa, porém, é a revivescência dessa magnífica prova de equitação que Alegrete tão maravilhosamente apresentou, graças aos nobres esforços do Centro Farroupilha de Tradições Gaúchas com a cooperação brilhante da gauchada alegretense e do corpo de cavalaria do Exército Nacional ali sediado.
